

CASTRO DE CHIBANES (PALMELA). TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 2012 A 2017

Recebido: 8 de Fevereiro de 2019 | Aprovado: 2 de Julho de 2019

Carlos Tavares da Silva¹ | Joaquina Soares²

Centro de Estudos Arqueológicos – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | Associação de Municípios da Região de Setúbal | UNIARQ
- Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Susana Duarte | Antónia Coelho-Soares³

Centro de Estudos Arqueológicos – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | Associação de Municípios da Região de Setúbal.

Teresa Rita Pereira⁴

Centro de Estudos Arqueológicos – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | Associação de Municípios da Região de Setúbal | UNIARQ
- Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Vicenzo Soria⁵

UNIARQ - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Resumo

Apresentam-se os resultados das campanhas de escavação promovidas pelo MAEDS no Castro de Chibanes (Sector Ocidental) entre 2012 e 2017. Confirmam-se as três grandes fases de ocupação fortificada deste arqueossítio (Calcolítico-Bronze inicial, II Idade do Ferro e Período Romano Republicano), bem como a diferenciação desta última fase nas subfases IIIA e IIIB. Do 3º milénio BC, foi posto a descoberto um novo troço de muralha que integra o complexo defensivo da extremidade ocidental do povoado. Durante a II Idade do Ferro foram construídos compartimentos de planta rectangular dispostos ao longo da muralha sidérica. Esta serviu, em parte, de embasamento, após destruição parcial, a muro de delimitação do povoado tardo-republicano. A estrutura urbanística e a tipologia das construções do Período Romano Republicano parecem ter seguido as da II Idade do Ferro.

Palavras-Chave: Ocupação fortificada; 3º milénio BC; II Idade do Ferro; Período Romano Republicano.

Abstract

The main results of the fieldwork seasons between 2012 and 2017, promoted by the Museum of Archaeology and Ethnography of the District of Setúbal, are presented in this paper. The three major phases of occupation are confirmed (Chalcolithic-early Bronze Age, late Iron Age, Roman-Republican Period), as well as the differentiation of this last phase, in sub-phases IIIA and IIIB. Although access to the area of the Chalcolithic period was restricted, it has been identified a new wall (that integrated the western end of the defensive complex). During the late Iron Age they have been built, along the wall, contiguous compartments with rectangular plans. After partial destruction of the Iron Age wall probably by the Roman army, it had been reused to install a new delimitation wall of the late republican settlement. The urban structure and the typology of the buildings from the Roman Republican Period seem to have followed that of the late Iron Age.

Key-words: adornments; stratigraphy; Iron Age; Roman Period; Mediterranean.

https://doi.org/10.14195/2182-844X_6_19

¹ ctavaressilva@gmail.com

² joaquina-soares1@gmail.com

³ cea.maeds@amrs.pt

⁴ teresa.rita.pereira@gmail.com

⁵ vinso84@hotmail.it

Introdução

Chibanes é, por agora, um dos sítios arqueológicos mais emblemáticos da Península de Setúbal. Localiza-se na crista da Serra do Louro (Palmela), relevo monoclinal que limita a norte a cordilheira da Arrábida, a chamada Pré-Arrábida na assertiva designação de Orlando Ribeiro (1937), e separa o fértil Vale dos Barris da planície aluvial. O seu domínio visual é extraordinariamente amplo, abrangendo os estuários do Sado e Tejo. O factor topográfico deve ter pesado na escolha desta localização em conjunturas de intensa conflitualidade, como parecem ter sido o início do III milénio a.C., a II Idade do Ferro e a fase da conquista romano-republicana do Ocidente da Ibéria, para norte do Sado.

O sítio de Chibanes foi identificado como jazida arqueológica por António Inácio Marques da Costa que aí realizou os primeiros trabalhos de escavação, publicados em “O Arqueólogo Português”, na primeira década do século passado. O abundante espólio então exumado, embora se desconheçam os respectivos contextos arqueológicos, permite, pela sua tipologia, perceber que o local foi ocupado durante o Calcolítico e o Bronze Antigo, a II Idade do Ferro e o Período Romano Republicano (Costa, 1908 e 1910; Carreira, 1998; Faria, 1992; Tavares da Silva e Soares, 1997 e 2012).

Em 1996, o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, e com o apoio do Instituto Português de Arqueologia, da Câmara Municipal de Palmela e do Parque Natural da Arrábida, iniciou em Chibanes um programa de escavações e estudos interdisciplinares que se prolongou até ao presente e que certamente irá prosseguir no

futuro. Estes trabalhos centraram-se, no decurso das primeiras campanhas, no sector ocidental do castro, dando a conhecer, por uma escavação em extensão (limitada à remoção da camada superficial), numerosas construções do Período Romano Republicano, e, por aprofundamentos controlados, sequências estratigráficas e estruturas datadas desse período, da Idade do Ferro e do III milénio a.C. (Tavares da Silva e Soares, 1997). Foram particularmente importantes os resultados obtidos no *Locus LI2*, onde se procedeu à leitura da até agora mais desagregada e completa sequência estratigráfica do sítio, bem como no Compartimento P10, onde se confirmou a estratigrafia anterior e se escavaram camadas do III milénio a.C., da Idade do Ferro e do Período Romano-Republicano, associadas a elementos arquitectónicos.

Na campanha de 1996 e seguintes, o Período Romano Republicano foi considerado como um prolongamento da II Idade do Ferro (Fase IIA), a que atribuímos então a designação de Ferro III, com dois momentos estratigraficamente diferenciados (Fases IIB e IIC). A designação de Ferro III para o Período Romano Republicano pretendia valorizar a componente indígena no período da conquista romana, que, como se sabe, durou na Península Ibérica cerca de 200 anos, entre cerca de 218 a.C. (início da 2ª Guerra Púnica, com o desembarque de tropas romanas em Ampurias) e a conquista definitiva em 19 a.C., aquando do domínio romano sobre os povos asturo-cantábricos. Porém, actualmente sabemos que a presença romana em Chibanes foi muito marcante, tendo criado uma descontinuidade na dinâmica da ocupação humana do sítio. O conceito de Ferro III talvez seja defensável para outras formas de interacção com Roma.

Assim, considerámos (Tavares da Silva e Soares, 2012) que se justificava separar, em Chibanes, a

II Idade do Ferro do Período Romano Republicano, admitindo, deste modo, uma Fase III para a sequência ocupacional desta jazida. Esta fase divide-se em duas subfases (IIIA e IIIB), de acordo com a informação estratigráfica obtida na potente sequência do *Locus* L12 (limitado a sul e a este, respectivamente pelas Muralhas I e III) e na escavação em profundidade do compartimento P10 (Tavares da Silva e Soares, 1997: 423-48 [fig. 3-5]). Uma camada de derrubes separa o início da ocupação romano-republicana (fase IIIA) da segunda e última fase (III B). A estes derrubes segue-se a reorganização dos espaços edificados, comportando uma tendência geral de maior compartimentação dos edifícios.

De 1998 a 2003, os trabalhos em Chibanes passaram a integrar o projecto de investigação plurianual “ARA- Povoamento e Arqueologia da Paisagem Durante a Pré-História Recente e a Proto-história no Sector Oriental da Arrábida”, aprovado e cofinanciado pelo IPA- Instituto Português de Arqueologia.

Nas campanhas de 1998-1999, continuámos os trabalhos no Sector Ocidental da jazida, com a decapagem em extensão da camada superficial (C.1), colocando a descoberto o topo das estruturas arquitectónicas (do Período Romano Republicano). Seguindo o método estratigráfico, procedemos a aprofundamentos controlados por

forma a obtermos uma leitura diacrónica das estruturas identificadas, da sua articulação e funcionalidade, de acordo com os levantamentos planimétricos, estratigrafia e cultura material associada.

Destacamos, pela sua importância, os resultados obtidos nos *Loci* H7 e H2. Com efeito, aí detectámos um dos poucos contextos da Idade do Ferro, com materiais do século III a.C. (Comp. H7). Na mesma área colocámos em evidência a técnica de construção em socalcos durante o Período Romano Republicano.

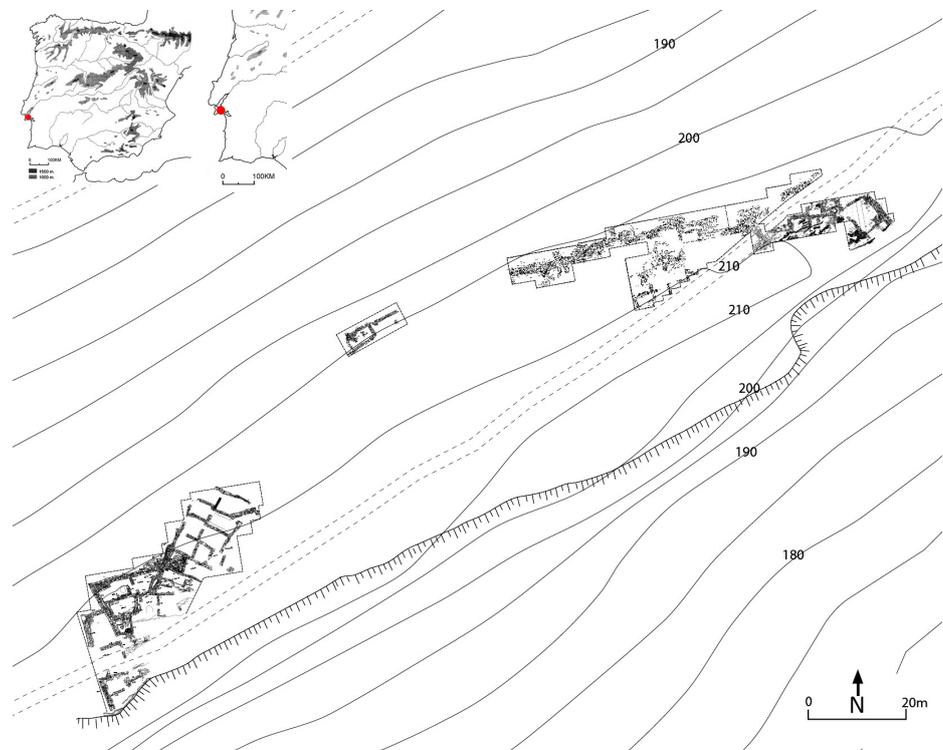


Fig. 1 - Chibanes. Áreas escavadas pelo MAEDS entre 1996 e 2017.

Entretanto, as escavações estenderam-se às zonas central e oriental do arqueossítio, o que possibilitou um maior enfoque nas origens da ocupação do castro, pela escavação de estratos do Calcolítico e Bronze Antigo, pois neste sector a erosão das camadas superiores pelos agentes da geodinâmica externa abriram uma ampla janela sobre o III milénio. Foi então possível acompanhar o processo evolutivo desta primeira

fase de ocupação, com elevada capacidade de desagregação estratigráfica e cronológica.

Os trabalhos de arqueologia realizados pelo MAEDS, anteriormente a 2012, sustentaram o estabelecimento da seguinte periodização para a ocupação humana do Castro de Chibanes:

- Fase I. Ocupação do III milénio a.C. (Calcolítico e Bronze Antigo), com quatro subfases (Tavares da Silva e Soares, 2014) diferenciadas no que concerne à cultura material, às arquitecturas, à tecnologia e à organização social;
- Fase II. Ocupação da Idade do Ferro;
- Fase III. Ocupação do Período Romano Republicano.

Nesta introdução daremos algum destaque a esta última fase, pois as campanhas de 2012 a 2017 incidiram fundamentalmente sobre a ocupação do Período Romano Republicano. Na campanha de 1996, e de acordo com informação estratigráfica obtida na sequência do *Locus* LI2 e na escavação em profundidade do Compartimento P10 (Tavares da Silva e Soares, 1997: 50) a actualmente designada Fase III foi dividida em duas subfases. A mais antiga (publicada em 1997 como IIB, agora IIIA) foi datada, através da cultura material, do último quartel do século II a.C /inícios do século I a.C.

A segunda subfase (designada em 1997 por IIC e presentemente por IIIB) foi cronologicamente atribuída ao 2º quartel e meados do século I a.C. (Tavares da Silva e Soares, 1997: 50).

Na área ocidental do castro, a mais amplamente escavada até 2011, os testemunhos relativos ao Período Romano Republicano distribuem-se por dois conjuntos arquitectónicos distintos: o residencial propriamente dito, constituído por

compartimentos de planta rectangular/quadrangular contíguos que se sobrepõem ao povoado sidérico; o fortim ocidental, de muralhas de traçado rectilíneo, formando entre si ângulos quer ortogonais quer a tender para agudos, fortim que se adossou ao conjunto residencial e que defendia o acesso pela crista da Serra do Louro.

Até 2011, do conjunto arquitectónico residencial, além de se ter removido a C.1A numa área de aproximadamente 120m², o que permitiu pôr a descoberto a planta geral deste conjunto arquitectónico, escavou-se em profundidade somente um dos compartimentos identificados – o Compartimento P10. Este havia resultado da segmentação de um grande compartimento rectangular do povoado da Idade do Ferro, com mais de 9m de comprimento por 6m de largura (Tavares da Silva e Soares, 1997).

A área residencial era delimitada por muro, relativamente pouco espesso (cerca de 0,7m de espessura, parcialmente sobreposto ao topo arruinado da muralha da Idade do Ferro (Tavares da Silva e Soares, 2012 [fig. 20 e 21]). Tal como esta, desenvolvia-se em arco ao longo da parte superior da encosta norte, mas não parece ter tido função defensiva, mas, tão só, de delimitação do povoado.

Com funções efectivamente militares, existia o fortim anteriormente referido. De notar que as respectivas muralhas oferecem aparelho regular que contrasta com o das muralhas da Idade do Ferro, mais grosseiro. Na Subfase IIIA, este conjunto arquitectónico teria, por certo, desempenhado funções militares. Na Subfase IIIB, os grandes compartimentos da subfase anterior foram segmentados, originando compartimentos mais pequenos, talvez com carácter habitacional, sendo dotados de lareiras e

de bancos corridos ou poiais adossados às novas paredes.

Campanhas de 2012-2017

Em 2012, retomaram-se os trabalhos arqueológicos no Castro de Chibanes (Fig. 2), que se prolongaram até 2017, com cinco campanhas (a prevista para 2014 não se efectuou), no âmbito do projecto de investigação CIB – Chibanes no Contexto da Arqueologia da Península da Arrábida – promovido pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), com o apoio da Câmara Municipal de Palmela. O seu financiamento foi assegurado pelo orçamento do MAEDS (Assembleia Distrital de Setúbal e Associação de Municípios da Região de Setúbal); aquela câmara municipal disponibilizou apoio logístico sob forma de transportes e cedência de topógrafo.

O referido projecto foi da responsabilidade científica de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, que, na actividade de campo, foram coadjuvados por Susana Duarte, Antónia Coelho-Soares e Teresa Rita Pereira, arqueólogas do Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS. Participaram ainda os seguintes elementos, pertencentes ao mesmo centro de investigação: António Júlio Costa, técnico de arqueologia; Fernanda Simões, técnica auxiliar de arqueologia; e David de Jesus, ilustrador de arqueologia. Recebemos o apoio do topógrafo da Câmara Municipal de Palmela, Carlos Alves, que procedeu à verificação da quadrícula instalada em campanhas anteriores, e à ligação à rede geodésica nacional de novos pontos cotados, e contámos com o trabalho de desenho desenvolvido pelo arqueólogo Jorge Feio.

As escavações assumiram uma função formativa/educativa, recebendo a participação de estudantes universitários, na sua maioria do Curso de Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A arqueologia de campo aliou-se à formação teórica desenvolvida no Curso de Verão *Arrábida Arqueológica*, igualmente promovido, de 2012 a 2014, pelo MAEDS.

A actividade laboratorial foi sobretudo realizada no Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS (arqueólogos: Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte, Teresa Rita Pereira; designer e ilustradora de arqueologia: Ana Castela; técnicos de arqueologia: Paula Covas, Jorge Costa e Júlio Costa; técnicos auxiliares: Fernanda Fino, Fernanda Simões e Paula Palmeira. Alguns domínios específicos foram entregues a outros investigadores: a paleobotânica a João Pedro Tereso, do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto; a arqueozoologia, a Cleia Detry e a Manuela Dias Coelho, ambas do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, e a Vera Pereira do CEAACP da Universidade de Coimbra; a ceramologia, a Françoise Mayet, do Centre National de la Recherche Scientifique, a João Pimenta, do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira e a Vincenzo Soria, do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.



Fig. 2 - Chibanes. Zona ocidental da jazida com representação das áreas intervenionadas nas campanhas arqueológicas de 2012 a 2017: Sectores I-II (Torre T7) e Sectores IV-V-VI (Loci/Compartimentos R14, T16, B20, D3, A11, D14, F17, G20, J17 e C10).

Sequências Estratigráficas

Se as campanhas anteriores a 2012 incidiram especialmente no conhecimento da ocupação humana do III milénio a.C., já as de 2012-2017 se ocuparam principalmente do Período Romano Republicano.

A escavação seguiu a metodologia adoptada nas anteriores campanhas e desenvolveu-se através de loci que coincidiam com os compartimentos construídos na Subfase IIIB (identificados pela remoção da camada superficial - C. 1A), loci que receberam a designação atribuída aos mesmos compartimentos. Deste modo, foram escavados em profundidade os loci (= Compartimentos) R14, A11, C10, T16, D14, B20, F17, D3, G20 e J17

e o *Locus* T7 (= torre T7, pertencente ao fortim situado na extremidade ocidental da jazida) (Fig. 2).

Locus T16 (= compartimento T16)

A escavação deste *locus*, ao atingir níveis e estruturas do III milénio a.C., revelou uma das seqüências estratigráficas mais completas para a área residencial poente de Chibanes (Fig. 3), à semelhança da proporcionada pela escavação, de 1996, do *Locus* P10, ficando, assim, comprovadas as três grandes fases de ocupação da jazida (a do III milénio a.C. - Fase I -, a da II Idade do Ferro -Fase II - e a do Período Romano Republicano -Fase III), e a divisão desta última em duas subfases (IIIA e IIIB), separadas estratigraficamente por nível de derrubes.

Esta seqüência serviu de modelo, em termos gerais, para os restantes *loci*:

C.1B – Camada areno-argilosa cinzento-acastanhada escura com blocos de calcarenito, por vezes de grandes dimensões, resultantes do derrube dos muros do compartimento. Inclinação de sul para norte, com uma espessura máxima de 0,22m.

C.2A – Nível de abandono constituído por sedimento argiloso castanho médio a claro, resultante da desagregação de adobes, com cerâmicas, carvões e adobes parcialmente conservados na metade sul do compartimento. Espessura *ca* 0,10m.

C.2B – Piso em argila (Subfase IIIB) estruturado com placas de calcarenito dispersas. Sugiram nesta

camada fragmentos de ânfora Maña C2b e de cerâmica de verniz negro itálico de Cales. A este piso associaram-se duas soleiras: uma no vão aberto no muro (m.) 9 e outra no vão existente no m.6, bem como uma lareira de planta ovalada (Estr. S16). Este piso cobriu uma fossa contígua à muralha romano-republicana, que forneceu uma lucerna do tipo G de Ricci (1973). Espessura *ca* 0,10m.

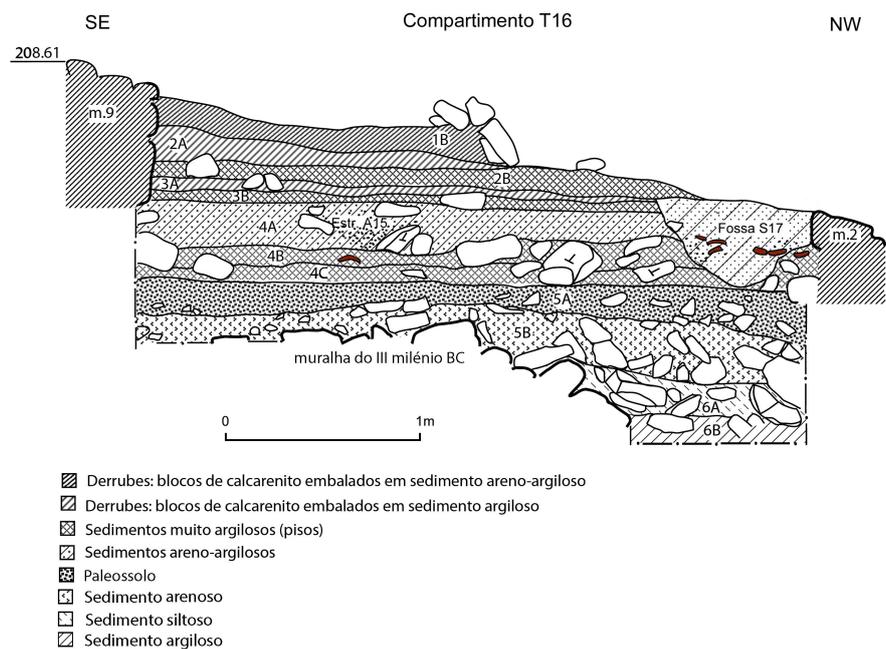


Fig. 3 - Chibanes. Perfil estratigráfico sul do *Locus* T16.

C.3A – Sedimento argiloso com carvões dispersos e alguns fragmentos de cerâmica de pequena dimensão. Derrubes de adobes(?). Espessura máxima *ca* 0,08m. Sobre o topo desta camada assentou o m.6 que separa este *locus* do R14, e que possui um vão de intercomunicação entre os dois *loci*. Este muro foi, pois, construído na Subfase IIIB; reforçam-se, assim, as ilacções a que havíamos chegado anteriormente (Tavares da Silva e Soares, 1997) relativas a uma reorganização do espaço edificado ocorrida com na Subfase IIIB e traduzida por generalizada segmentação dos compartimentos (ou *loci*) construídos na Subfase IIIA.

C.3B – Piso (Subfase IIIA) argiloso castanho-escuro com abundantes carvões. Nesta camada apareceram instrumentos em ferro (ponta de lança, duas facas, um gancho/espeto e fragmento de presumível podão). Na base da camada desenvolve-se uma estrutura de combustão plana de planta ovalada constituída por fragmentos de cerâmica ligados por argila (Estr. T15). Em conexão com este piso temos igualmente a presença de um poial (Estr. A18), limitado por esteios, e adossado ao m.12, o que mostra que este muro teria sido construído na Subfase IIIA.

C.4A – Sedimento areno-argiloso, contendo carvões e cinzas; corresponde aos derrubes, provavelmente de adobes, ocorridos no último momento de ocupação da II Idade do Ferro. Espessura máxima *ca* 0,24m.

C.4B – Piso de matriz argilosa (Fase II), contendo carvões e elementos pétreos. Foram identificadas a Estr. A15 (possuía coroa demarcada por termoclastos e continha carvões e cinzas) e a Estr. B16 (constituída por fragmentos de cerâmica dispostos na horizontal e ligados por argila queimada; apresentava 1,1m x 0,8m de dimensão máxima visível: prolongava-se por sob o m.12). Exumou-se, neste contexto, fragmento de vaso com pintura de bandas. Espessura máxima *ca* 0,14m.

C.4C – Piso de matriz argilosa castanha que passa por debaixo da muralha romano-republicana, contendo alguns blocos lajiformes e carvões. Nesta camada foi identificada a estrutura de combustão T17. Espessura máxima *ca* 0,11m.

C.5A – Sedimento areno-argiloso, castanho escuro, correspondente a um paleossolo entre a ocupação do III milénio a.C. (Fase I) e a Idade do Ferro (Fase II). Espessura máxima *ca* 0,20m.

C.5B – Sedimento arenoso, castanho escuro, com abundantes carvões e elementos pétreos embalados por sedimento de paleossolo; corresponde a derrubes da última fase de ocupação do III milénio a.C.. Nesta camada, recolheu-se

cerâmica exclusivamente de fabrico manual atribuível ao III milénio a.C., elemento de foice em sílex, furador triedro em sílex e ponta de seta em sílex. Espessura máxima *ca* 0,25m.

C.6A – Sedimento castanho amarelado pouco compacto de tendência siltosa que embala os blocos dos derrubes da muralha do III milénio a.C. (Qs.T-A/16-17); apresenta grande escassez de espólio arqueológico.

C.6B – Sedimento argiloso mais amarelado que o da camada sobrejacente, com escassos blocos pétreos e número mais elevado de artefactos cerâmicos e de conchas de moluscos marinhos. Define-se o paramento exterior do reforço de muralha do III milénio. Por vezes, surgem pequenas concentrações de carvão. Espessura máxima escavada 0,20m.

A estratigrafia observada no *Locus* T16 pode ser generalizada aos restantes *loci* escavados da área residencial do sector oeste. Notam-se, porém, algumas variações laterais a que seguidamente nos referiremos. Além do *Locus* T16, só os *Loci* R14, B20 e G20 permitiram identificar o horizonte estratigráfico do III milénio a.C.. No *Locus* B20, escavou-se até à C.6. Nos *Loci* R14 e G20 aflorou-se apenas a parte superior desse horizonte, removendo um nível de paleossolo (C.5B), contendo numerosos e, por vezes, grandes blocos de calcarenito atribuíveis a derrubes de estruturas do III milénio, e espólio exclusivamente pertencente ao mesmo período.

Os níveis correspondentes à ocupação da Idade do Ferro foram atingidos nos *loci* anteriormente referidos e ainda nos *Loci* A11, D14, F17, D3, J17 e no exterior do *Locus* G20.

A sequência estratigráfica mais completa da ocupação sidérica foi observada no *Locus* B20 onde, sob a C.4A (derrube, provavelmente de adobes), surgiu um piso de argila (C.4B),

incorporando carvões dispersos, que integrava lareira rica em cinzas (Estr. T-A/20). Este piso assentava sobre nível (C.4C) de enchimento e regularização (areno-argiloso castanho-escuro com blocos de calcarenito de pequenas dimensões), que, por sua vez, cobria outro piso (C.4D), contendo lajes de calcarenito dispersas e em conexão com o m. 27. A C.4D repousava sobre nível semelhante ao 4C que, por sua vez, assentava no topo da camada de paleossolo (C.5A) que separava os estratos do III milénio a.C. dos da Idade do Ferro. Esta sequência parece indicar dois momentos na ocupação do último destes períodos.

Ao contrário do que se observou no *Locus* T16 (Fig. 3), onde, na ocupação sidérica, havia dois pisos sobrepostos (4B e 4C), a maioria dos *Loci* apresentaram apenas um piso (C.4B), coberto por camada de derrubes (C.4A), provavelmente de adobes.

Os pisos da Idade do Ferro integravam, muito frequentemente, além de lajes de calcarenito dispersas, estruturas de combustão.

Todos os *loci* escavados na área residencial do sector ocidental revelaram níveis do Período Romano Republicano, apresentando uma sequência estratigráfica que, uma vez mais, repete a observada no *Locus* T16. Com efeito, sobre um piso (C.3B), atribuível à Subfase IIIA, piso, argiloso, que integrava estruturas de habitat de diversos tipos (lareiras; bases cilíndricas, em calcarenito, de postes presumivelmente de madeira; poiais ou bancos adossados aos muros), formou-se camada (C.3A), areno-argilosa com escassos blocos pétreos, correspondente provavelmente ao derrube de adobes ou taipa da parte superior dos muros e da cobertura. Este nível de derrubes foi, na Subfase IIIB, coberto por novo piso de ocupação (C.2B), igualmente

argiloso e estruturado por lajes de calcarenito e possuindo lareiras como as da Idade do Ferro e da Subfase IIIA, blocos pétreos cilíndricos utilizados talvez como bases de postes (*Loci* R14 e G20), poiais ou bancos (*Loci* R14, F17, G20 e B20), adossados às paredes dos compartimentos. Estes pisos da C.2B jaziam sob derrubes de adobes ou taipa (C.2A), da parte superior das paredes e da cobertura. Na C.1B, os derrubes eram formados por numerosos e grandes blocos pétreos resultantes da destruição da parte inferior dos muros ocorrida no final da ocupação do Período Romano Republicano.

Torre T7

A Torre T7 fechava a sudoeste a fortim ocidental romano-republicano, ocupando uma das áreas de cota mais elevada do sítio arqueológico. Esta estrutura foi muito afectada pela erosão e truncada pelo recuo da vertente abrupta da costeira onde o sítio se implantou.

Com as campanhas de escavação de 2012 e 2013 obteve-se a seguinte leitura estratigráfica (Fig. 4):

C.2 (as Cs.1A e 1B haviam já sido removidas em anteriores campanhas) - Derrubes formados por grandes blocos de calcarenito embalados por sedimento argiloso castanho médio a bege, com intensa alteração térmica e fragmentos de adobes cozidos pelo incêndio que parece ter encerrado a vida útil desta estrutura na Subfase IIIA.

Recuperaram-se adobes de cor bege (argilas locais?) e adobes vermelhos (argilas dos barreiros pliocénicos do Vale da Cobra, Baixa de Palmela), bem como fragmentos de recipientes cerâmicos. Espessura máxima ca 0,42m. O muro (m.38) de segmentação da torre cortou esta camada e assentou no topo da C.3A; o piso com ele correlacionável já não se encontrava conservado, tendo surgido ténues vestígios na base da C.1B.

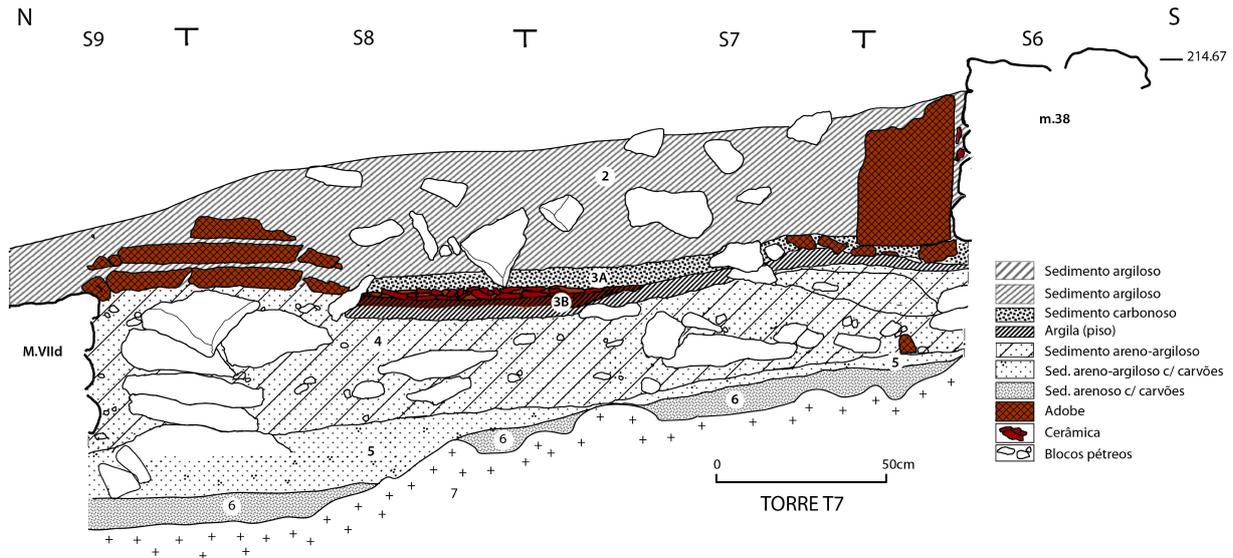


Fig. 4 - Chibanes. Perfil este da Torre T7.

C.3A – Nível de incêndio, contendo cinzas, carvões e cerâmica romano-republicana. Espessura máxima *ca* 0,12m.

C.3B – Piso em argila castanho-esverdeada, dotado de uma lareira de planta subcircular, constituída por fragmentos de ânforas sob nível de argila, sobreposta por abundantes cinzas (Estr. S/7-8). Surgiram cinzas em outras áreas do piso, facto que apoia a ideia de um incêndio generalizado. Sobre o piso, com cerca de 0,05m de espessura, jaziam fragmentos de cerâmica calcinados, em posição horizontal.

C.4 – Sedimento areno-argiloso, embalando blocos pétreos de grandes dimensões, alguns lajiformes. Esta camada teria funcionado como nível de regularização para o assentamento do piso da C.3. Espessura máxima *ca* 0,43m.

C.5 – Sedimento arenoso, castanho-médio, com fragmentos de carvão disseminados. Espessura máxima *ca* 0,20m.

C.6 – Sedimento arenoso, castanho, com carvões e alguma fauna que se desenvolve nas depressões do substrato geológico. Espessura máxima *ca* 0,08m.

C.7 – Substrato geológico.

Estruturas Arquitectónicas. Organização e Evolução do Espaço Edificado

Ocupação do III Milénio a.C. (Fase I de Chibanes)

Ao remover-se a C.5B no *Locus* T16, surgiu um troço de muralha do III milénio a.C., que passaremos a designar por Muralha (M.) IX (Fig. 5). De direcção este-oeste, apresenta o paramento norte bem conservado e formado por blocos de calcarenito, por vezes lajiformes, não aparelhados e de grandes dimensões (alguns com 0,5m de dimensão máxima) e ligados por sedimento siltoso de cor castanha. O paramento interno não foi identificado (existirá sob os ms. 6 e 9 do Período Romano Republicano. A largura deste troço ultrapassaria os 2 m. Adossado à face norte, surgiu, nos Qs. S-T/17-18 (Sector IV), um contraforte paralelepípedo rectângulo, com cerca de 1m de largura e comprimento indeterminado (prolonga-se por sob a M.II). Tal como o troço da M. IX, é constituído por blocos, em geral lajiformes, de calcarenito, colocados horizontalmente, que chegam a atingir 0,5m de dimensão máxima. Este contraforte parece ser do mesmo tipo do Contraforte G19 que reforçava a

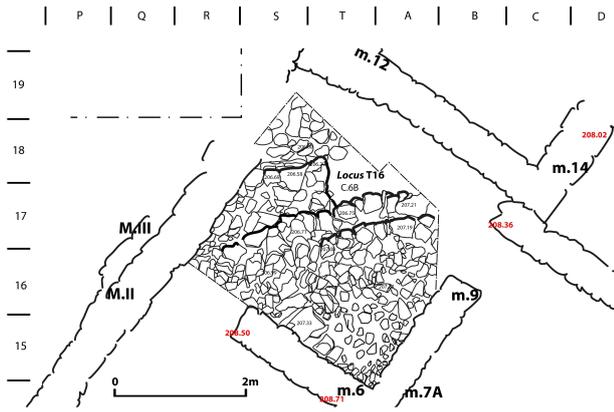


Fig. 5 - Chibanes. Planta do troço, identificado no Locus T16, da Muralha IX, pertencente à Fase I (Calcolítico-Bronze inicial).

M. VIIIb (Cf. Tavares da Silva e Soares, 2014 [Fig. 10 e 13]).

Da M.IX, agora posta parcialmente a descoberto, poderia partir, para sul, a M.V, identificada quando se escavou em profundidade o Compartimento P10 (Tavares da Silva e Soares, 1997 [Fig. 2]; 2014 [Fig. 14]). Da M. V partia, para oeste, a M.IV, subparalela à M.IX, da qual distaria cerca de 5m.

Ocupação da II Idade do Ferro (Fase II de Chibanes)

Nos Loci escavados nas campanhas de 2012-2017, em que se atingiu o horizonte estratigráfico correspondente à ocupação da Idade do Ferro, definiram-se (com reservas) três compartimentos (Fig. 6):

Um seria limitado a noroeste pela Muralha III; a nordeste, talvez pelo m.27 (Fig. 7); a sudeste pelo m.7A; e a sudoeste pelo m.1A. Tratar-se-ia de uma área de

planta rectangular, longa (cerca de 8m de comprimento, segundo a direcção SW-NE) e estreita (4m de largura), com pavimento de argila batida, incorporando lajes de calcarenito dispersas e duas lareiras (Estrs. A15 e B16), a A15, ovalada, (1,1mx0,6m), delimitada por coroa de elementos pétreos e contendo cinzas e carvões, e a B16 (dimensões indeterminadas, pois foi sobreposta pelos ms.9 e 12, da Fase III), constituída por fragmentos de cerâmica na horizontal, cobertos por nível de argila com acção do fogo.

Confinando a sudeste com este compartimento, existiria outro, igualmente de planta rectangular (ca. 6mx2,7m), que abrangeria os Loci A11 e D14 e seria limitado pelos ms. 1A, a sudoeste, 7A, a noroeste, 29, a nordeste, e 8A, a sudeste. De notar que os ms. 1A, 7A (troço sudoeste) e 8A, após terem entrado em ruína no final da ocupação sidérica (derrubes integrando a C.4A dos Loci T16 e A11), foram reconstruídos na Fase III (o primeiro e o último na Subfase IIIA e o troço sudoeste do m.7A, na Subfase IIIB). O piso



Fig. 6 - Chibanes. Planta da C.4B (Fase II de ocupação, Idade do Ferro).

(C.4B) era também de argila batida com lajes de calcarenito dispersas e três lareiras (Estrs. A11, C13 e D15). A Lareira A11, subcircular, era delimitada por coroa de elementos pétreos; as duas restantes possuíam nível de argila com acção do fogo sobre fragmentos de cerâmica na horizontal. Este compartimento comunicava, a sudoeste, com o *Locus* S9, ainda não escavado em profundidade, por vão aberto no m.1A, vão encerrado na Fase III.

Por fim, identificou-se um terceiro compartimento, no *Locus* F17 (Figs. 6 e 8), de planta rectangular (comprimento indeterminado, segundo a direcção NW-SE; 1,5m de largura),



Fig. 7 - Chibanes, 2015. *Locus* B2o. Em primeiro plano, estrutura de poial correlacionada com a segunda subfase de ocupação do Período Romano Republicano (C.2B); em segundo plano, muro da Idade do Ferro (m. 27) sobre o qual foi construído o poial (Estr. C1) da primeira subfase de ocupação do Período Romano Republicano. Foto de sudoeste.



Fig. 8 - Chibanes. *Locus* F17 com piso e estruturas da Idade do Ferro (Ms. 28, 29 e 30), fotografado de sudeste. Foto de Antónia Coelho-Soares.

limitado a sudoeste pelo m.29, a noroeste pelo m.30 (coberto parcial e longitudinalmente pelo m.14, da Fase III), e a nordeste pelo m.28 (prolongamento do m. 27). O piso, de argila batida, apresentava lajes de calcarenito dispersas e a Lareira E17, formada por placa de argila com acção do fogo sobre nível de fragmentos de cerâmica.

Ocupação do Período Romano Republicano (Fase III de Chibanes)

Com o início da Fase III, foram construídos ao longo da “muralha” romano-republicana (M.II) compartimentos de planta quadrangular/rectangular contíguos. A escavação arqueológica permitiu atribuir muitos dos muros que delimitavam esses compartimentos às respectivas subfases da ocupação romano-republicana. Assim, os ms.1 e 8 existiriam já na Subfase IIIA, pois a sua construção remonta à Idade do Ferro, como anteriormente mostrámos, tendo sido reconstruídos durante a Fase IIIA. Com efeito, o m.8A sofre uma destruição cujos derrubes vão integrar a C.4A; na Subfase IIIA, teria sido reconstruído, passando a limitar a nascente o *Locus*/Compartimento A11. Os ms. 12,13,14,16,18, 21 e 23 foram edificadas na Subfase IIIA: ao m.12 foi adossado um poial que se mostrou em conexão com a C.3B; ao m.13, encostou a Estr. D-E/14-15, de combustão, pertencente ao piso da C.3B; ao m.16, adossou-se um poial construído em conexão com a mesma camada; o m.18 encontrava-se em conexão com a Estr. F-G/18 e respectivo piso (C.3B); os ms. 21 e 23 estavam em conexão com a C.3B.

Os ms. 6, 7, 9, 20, 22 e 19 teriam surgido somente na Subfase IIIB (Figs. 15 e 16): os ms. 6, 7, 20 e 22 fundam-se na C.3A; a extremidade SW do m.9 adossou-se à face NE do m.19; o m.19

sobrepôs-se parcialmente à Estr. J17 que integrava o piso da C. 3B.

Face aos dados acabados de expor, é possível propor a seguinte evolução para o espaço edificado durante o Período Romano Republicano:

Subfase IIIA

Durante a primeira subfase da ocupação romano-republicana teriam existido, na área escavada entre 2012 e 2017, dois edifícios de planta rectangular/quadrangular (Fig. 9 e 10), que designaremos por Edifícios B e C (o A fora escavado parcialmente em 1996), que se dispunham em contiguidade ao longo da “muralha” romano-republicana (M.II).

O Edifício B (Fig. 9), com 10m/8m x 8,5m/8m era limitado a noroeste pela M.II, a sudoeste pelo m.1B, a nordeste pelos ms. 12 e 13 e a sudeste pelos ms. 10 e 11. A entrada situava-se no lado sudeste, em baioneta, entre o m.10 e o m.11. O piso, de argila batida (C.3B), integrava, além de lajes de calcarenito dispersas, cinco estruturas de combustão (Estrs. T13-14, T15, C-D/14-15, D-E/14-15 e A/10-11); as quatro primeiras apresentavam contorno subcircular, com dimensões compreendidas entre 0,76m x 0,75m (Estr. D-E/14-15) e 1,14 m x 1,1 m (Estr. C-D/14-15) e nível de argila queimada sobre grandes fragmentos de recipientes cerâmicos, colocados

horizontalmente (Fig. 11); a Estr. A/10-11 era delimitada por blocos pétreos com acção do fogo. Em conexão com este piso, existia, adossado à metade sudeste do m.12, um poial (Estr. A18), com 0,6m de largura por 3m de comprimento,

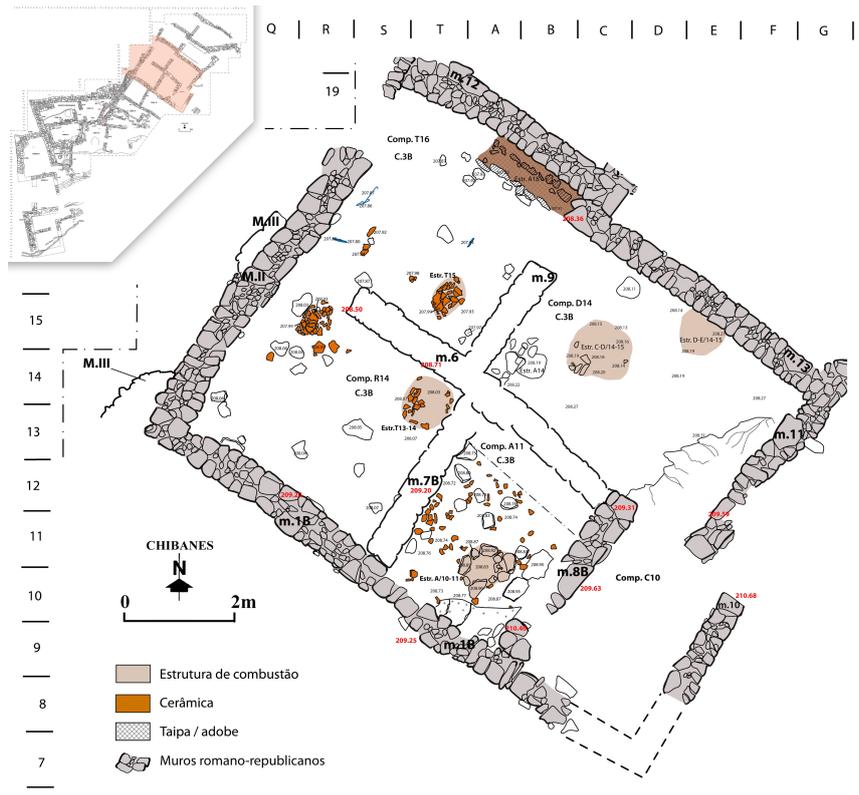


Fig. 9 - Chibanes. Subfase IIIA (Período Romano Republicano). Planta da C.3B do Edifício B (Locis R14, T16, A11, D14 e C10).

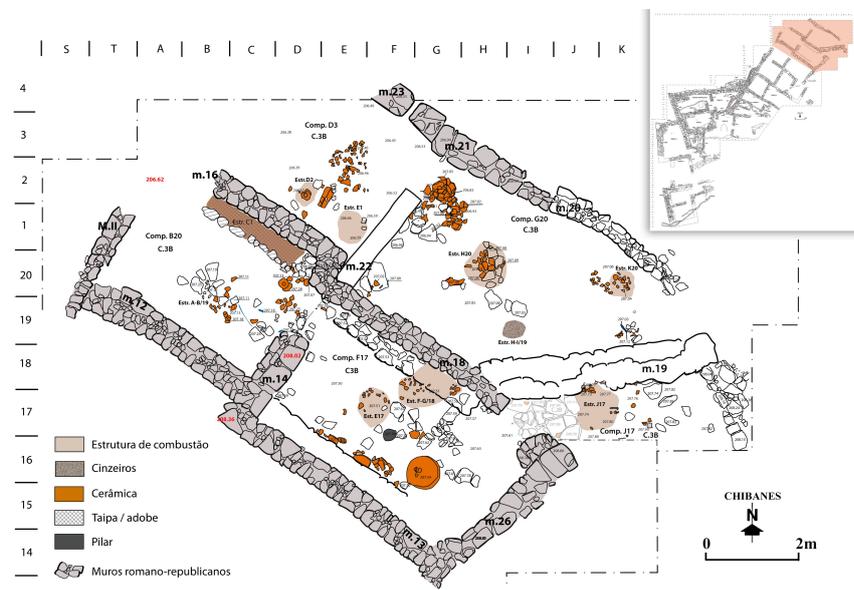


Fig. 10 - Chibanes. Subfase IIIA (Período Romano Republicano). Planta da C.3B do Edifício C (Locis B20, D3, F17, G20 e J17).

delimitado por pequenos esteios de calcarenito e preenchido por formação argilosa (Fig. 12).

Imediatamente a nordeste do Edifício B, foi construído o Edifício C (Fig. 10) que possuiria três salas: os Compartimentos, intercomunicantes, B20 e F17, que se manterão na Subfase IIIB, e, a nordeste destes, uma grande sala rectangular, que, após divisão na Subfase IIIB, daria origem aos *Loci*/Compartimentos D3 e G20, sala que comunicava com os *Loci*/Compartimentos B20 e F17 através de vão existente na extremidade noroeste do m.18. Este vão será encerrado na Subfase IIIB.



Fig. 11 - Chibanes, 2015. *Locus* R14. Lareira revestida por argila que cobria cerâmica disposta horizontalmente (Estr. T13-14) identificada na C.3B (Edifício B). Foto de Antónia Coelho-Soares.



Fig. 12 - Chibanes. C. 3B, do *Locus* T16 com poial (Estr. A18), Edifício B.

O *Locus*/Compartimento B20 (ca. 4m x 3m) era limitado pela M.II, a noroeste, pelos ms.12, a sudoeste, 14, a sudeste, e 16, a nordeste. Os

pisos, de argila batida (Cs. 3B e 3C), integravam lajes de calcarenito dispersas e, o da C.3C, uma lareira (Estr. A-B/19), de contorno subcircular (1mx0,9m), constituída por fragmentos de cerâmica na horizontal. Como atrás se referiu, ao longo do m.16, e em conexão com a C.3B, havia um poial (Estr. C1), com 1,5m de comprimento e 0,5m de largura; assentava parcial e longitudinalmente no topo conservado do m. 27, da Idade do Ferro.

O *Locus*/Compartimento F17 (ca. 5,3m x 3m), limitado pelos ms.13, a sudoeste, 14, a noroeste, 18, a nordeste, e 26, a sudeste, possuía piso de argila batida que integrava algumas placas de calcarenito e duas lareiras (Estrs. E17 e F-G/18), ambas formadas por nível de argila queimada sobre grandes fragmentos de cerâmica na horizontal. No centro do compartimento foi identificado um pilar de calcarenito (Fig. 13), cilíndrico (0,3m de diâmetro), onde assentaria, certamente, poste que suportaria a estrutura de cobertura.

A sala nordeste (*Loci* D3 e G20), de comprimento indeterminado e largura ca. 3m, era limitada pelos ms. 16 e 18, a sudoeste, e m. 21, a nordeste (não foram identificados vestígios da M.II, destruída pela erosão, que limitaria esta sala a noroeste, nem do muro que a encerraria a sudeste). O piso, de argila, integrava três estruturas de combustão: Estrs. H20, K20 e J17. Esta última, embora situada no exterior do *Locus*/Compartimento G20, da Subfase IIIB, é possível que na Subfase IIIA fizesse parte da sala de que estamos a tratar. As duas primeiras são lareiras com fragmentos de cerâmica, na horizontal, cobertos por nível de argila queimada. A Estr. J17 (Fig. 14), de planta circular, apresenta-se como verdadeira carapaça de argila, revelando ter sofrido acção do fogo. Seria lareira, cuja superestrutura de argila se apresentava ainda

muito bem conservada, ou a base de um forno?
De notar que, na sua envolvente, a C. 3B possuía numerosos restos de transformação de liga de cobre.



Fig. 13 - Chibanes. *Locus* F17 com piso (C.3B) da Subfase IIIA (Período Romano Republicano), onde aflora base de presumível pilar (assinalado com *). Foto de Antónia Coelho-Soares.



Fig. 14 - Chibanes. *Locus* J17. Em primeiro plano a estrutura de combustão J17(1) da Subfase IIIA (Período Romano Republicano), cortada pelo m.19 (2) (Subfase IIIB) e parcialmente coberta por calçada da C.2B (3).

Subfase IIIB

Nesta subfase, o Edifício B (Fig. 15) é dividido em quatro salas contíguas (*Loci/Compartimentos* R14, A11, T16 e D14) pela construção dos ms. 6, 7B e 9. Tal como na Subfase IIIA, possuía a entrada no lado sudeste, entre o m.10 e o m.11, a qual daria acesso a um vestíbulo (*Locus/Compartimento* C10), com 3,5mx2m; a partir deste passava-se, por um lado, para o *Locus/*

Compartimento A11 (3,3mx2,6m), e, por outro, através de vão situado entre os ms. 8 e 11, para o *Locus/Compartimento* D14 (4,7mx3,3m) que, por abertura existente na extremidade do m.9, provida de soleira, comunicava com o *Locus/Compartimento* T16 (3,3mx3,3m); por vão, igualmente com soleira de calcarenito, aberto na extremidade noroeste do m.6, acedia-se ao *Compartimento* R14 (4mx3,3m).

Os pisos destas salas (C.2B), como os da Subfase IIIA, eram de argila batida e estruturados por lajes de calcarenito em geral dispersas (o *Locus/Compartimento* A11 apresentava dois pisos sobrepostos – Cs. 2B e 2C); possuíam lareiras: uma em cada um dos *Loci/Compartimentos* T16, D14 e A10 e duas no *Locus/Compartimento* R14. Estas estruturas de combustão mostravam planta circular/ ovalada e, tal como já se tinha notado nas lareiras das ocupações sidéricas (Fase II) e nas da Subfase IIIA, distribuía-se por dois tipos: as constituídas por fragmentos de cerâmica na horizontal cobertos por nível de argila (Estrs. S13, S14 e S16); as delimitadas por coroa de blocos de calcarenito (Estrs. A10 e R-S/14).

No *Locus/Compartimento* R14 (C.2B) existia, no centro, bloco de calcarenito cilíndrico, provavelmente de poste destinado a suportar a estrutura de cobertura; e, adossado ao m. 1B, um poial com 1,7m de comprimento e 0,4m de largura, delimitado por esteios de calcarenito e preenchido por sedimento argiloso.

Na Subfase IIIB, o Edifício C divide-se em dois independentes (Fig. 16): C1, a sudoeste e C2, a nordeste. No Edifício C1 mantêm-se os *Loci/Compartimentos* B20 e F17, que comunicam entre si, tal como na Subfase IIIA, por vão aberto na extremidade nordeste do m.14. O novo edifício acedia ao exterior através de vão existente na extremidade sudeste do m.18, enquanto a

abertura da Subfase IIIA, na extremidade noroeste do mesmo muro, foi encerrada. Aqueles dois compartimentos tornam-se, deste modo, na Subfase IIIB, completamente independentes do Edifício C2. Este facto é acentuado pela construção do m. 19 que, adjacente à nova abertura, impedia que os ocupantes dos *Loci*/Compartimentos B20 e F17 tivessem acesso directo ao Edifício C2.

No *Locus*/Compartimento B20, a C.2B, correspondente ao piso da Subfase IIIB, foi quase totalmente destruída pela erosão. Em conexão com o que restou dessa camada, registou-se um poial (Estr. A19) adossado ao m.12.

O piso da C.2B do *Locus*/Compartimento F17 é argiloso e integrava algumas placas de calcarenito e uma lareira (Estr. E-F/17-18) ovalada (1,1mx0,79m), com placa de argila cozida sobre fragmentos de cerâmica colocados horizontalmente. Adossado ao m.13, surgiu um poial construído com blocos de calcarenito.

Com a construção, na Subfase IIIB, do m.22, de taipa sobre base de elementos pétreos (Fig. 17), o Edifício C2 apresenta-se constituído pelos *Loci*/Compartimentos D3 e G20. O primeiro, muito destruído pela erosão, conservou o piso (C.2B) somente no lado sudeste, o qual era argiloso e incorporava lajes de calcarenito dispersas.

No *Locus*/Compartimento G20, o piso da C.2B era também argiloso com lajes dispersas de

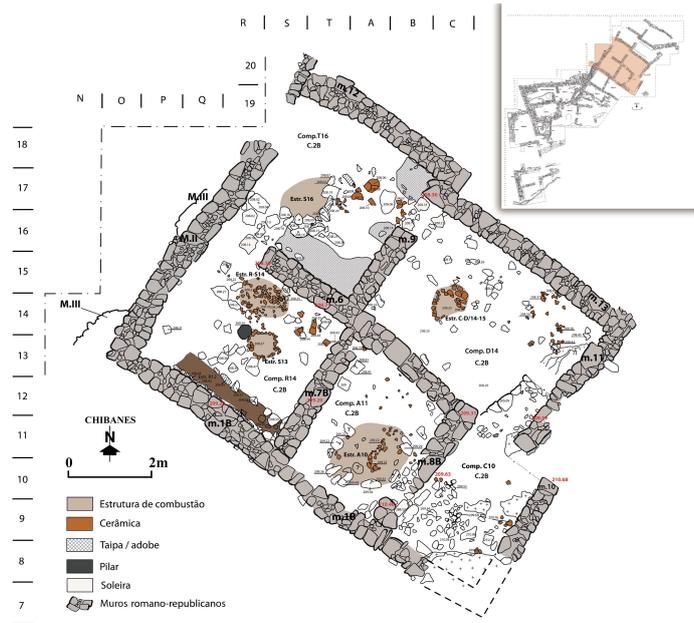


Fig. 15 - Chibanes. Subfase IIIB (Período Romano Republicano). Planta da C.2B do Edifício B.



Fig. 16 - Chibanes. Subfase IIIB (Período Romano Republicano). Planta da C.2B dos Edifícios C1 e C2.

calcarenito e possuía duas lareiras (Estrs. H20 e I-J/19-20), ambas de planta circular (respectivamente com 0,6mx0,58m e 1mx1,05m) e compostas por fragmentos de cerâmica e argila.

Na zona central do compartimento, cobrindo parcialmente a Estr. H20, mas pertencente ao mesmo horizonte de ocupação, foi implantada



Fig. 17 - Chibanes. Muro 22 (1), conservando restos de taipa sobre base de alvenaria de pedra (Subfase IIIB, Período Romano Republicano) e Muro 18 (2), construído na Subfase IIIA. Fotografado de norte.

uma base de pilar, cilíndrica (0,75mx0,7m) e de calcarenito. Adossado ao m.19 existia um poial com 4,45m de comprimento por 0,45m de largura, estruturado por blocos de calcarenito e argila.

O m.20, construído neste subfase, interrompia-se a sudeste para dar lugar a vão que estabelecia a comunicação com o exterior ou com outro compartimento (ainda por escavar) do mesmo edifício C2.

Torre T7

A Torre T7 (Fig. 18) era uma das duas torres que guarneciam o Fortim Ocidental, defendendo o acesso ao povoado pela crista da Serra do Louro. O seu carácter militar teria ocorrido talvez somente na Subfase IIIA. No final desta (ver a respectiva estratigrafia) sofreu um incêndio (C.3A) que lhe provocou forte destruição (C. 2), após o que teria sido reutilizada (Subfase IIIB), presumivelmente com outro fim, pois foi seccionada pelo m.

38 que cortou a C.2 e assentou no topo da C.3A.

Trata-se de edifício de planta presumivelmente rectangular, de comprimento e largura indeterminados em resultado de destruição provocada por intensa acção erosiva (actualmente: 6 m segundo a direcção E-W; 7m segundo a direcção aproximadamente N-S). Possuía, na Subfasae IIIA, piso de argila sobre o qual foi construído, no quadrante noroeste, lareira de planta subcircular, formada por grandes fragmentos de cerâmica cobertos por nível de argila. Era delimitado por muros espessos: M. VIIId, a norte, e M. VIIC, a oeste), cujos paramentos internos se encontravam muito danificados; teriam mais de 1 m de largura. O m. 38, que na Subfase IIIB seccionou a Torre, tinha direcção aproximadamente E-W, ca. 0,55m de largura; o respectivo piso foi destruído pela erosão. O pequeno troço de muro (M.VIIe) de orientação aproximadamente norte-sul, reutilizado na Subfase IIIB pelos ms. 38 e 39 que se ligaram a ele perpendicularmente, poderia ter representado o lado nascente da Torre T7.

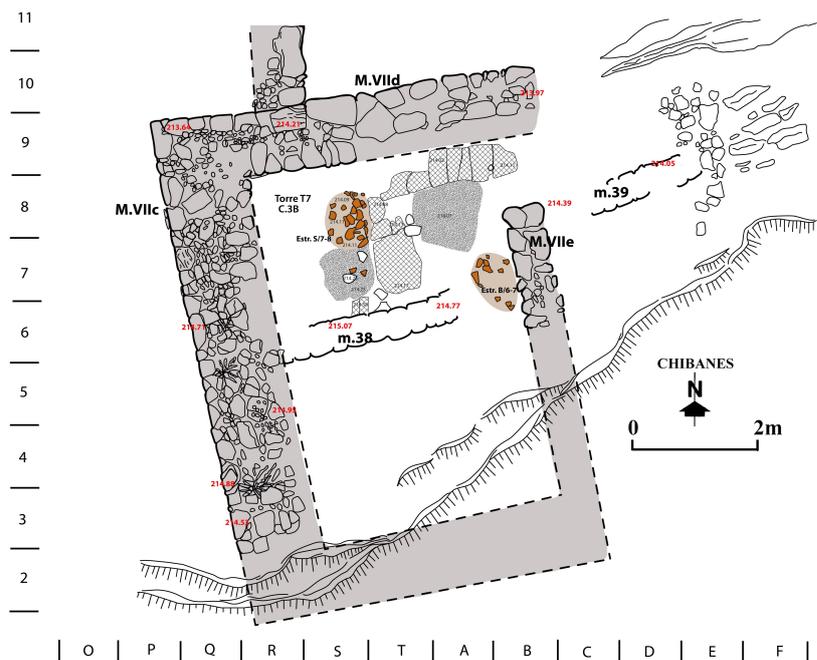


Fig. 18 - Chibanes. Planta da Torre T7 (Período Romano Republicano).

Materiais

As últimas escavações de Chibanes permitiram exumar apreciável diversidade de artefactos, sobretudo do Período Romano Republicano. Predomina a cerâmica de produção local/regional distribuída por vasilhame de cozinha (o mais abundante), grandes contentores de armazenagem, ânforas de tradição ibero-púnica e alguma cerâmica de mesa (v. g. cerâmica cinzenta fina de tradição orientalizante). As cerâmicas de importação, muito menos frequentes, abarcam principalmente as de mesa (de verniz negro itálico e paredes finas) e as de transporte (ânforas itálicas Dressel 1 e imitações produzidas no sul de Espanha, de onde também provieram, sobretudo na Subfase IIIB, a Ovoide 1, do Guadalquivir, e a Maña C2b, da baía de Cádiz).

Além dos recipientes cerâmicos, o espólio distribui-se por outras categorias, como cossoiros, utilizados na fiação, artefactos metálicos (instrumentos ligados à agricultura, à pesca, à carpintaria, à cirurgia, e, muito especialmente, à actividade militar), objectos de adorno, numismas, quer cunhados regionalmente (asses de Beuipo/Salacia) quer de origem itálica (denários).

Do abundante material móvel (artefactos e ecofatos), só uma parte se encontra publicada. No que respeita à ocupação do III milénio a.C.: os macrorestos vegetais (Tereso, 2014); a fauna malacológica (Coelho, 2014) e de vertebrados (Pereira, Soares e Tavares da Silva, 2017); indústria lítica (Tavares da Silva e Soares, 2014; Clemente Conte, Mazzuco e Soares, 2014) e cerâmica (Tavares da Silva e Soares, 2014). No que concerne à ocupação romano-republicana: a fauna (Detry, Tavares da Silva e Soares, 2017). Correspondente a esta última fase de ocupação

de Chibanes, contamos com dois outros estudos, mas ainda inéditos, elaborados no âmbito das campanhas de 2012 a 2017; são seguidamente apresentados de modo muito sucinto. Trata-se de estudos dedicados a cerâmica de verniz negro itálico e a artefactos metálicos, respectivamente da autoria de Vincenzo Soria e de Teresa Rita Pereira.

Caracterização morfo-estratigráfica das cerâmicas de verniz negro itálico

Procedeu-se ao estudo de 164 fragmentos de cerâmicas de verniz negro itálico (VNI); 107 foram atribuídos ao centro produtor da colónia romana de Cales (Pedroni, 1986-1990 e 2001); às produções em campaniense A (camp-A), da região neapolitana, correspondem 51 fragmentos; os produtos enquadrados genericamente na “Cerchia della campana B” reduzem-se a seis fragmentos (Cibecchini e Principal 2004).

A área ocidental do arqueossítio (Sectoros IV e V), a que, de momento, mais nos interessa, forneceu 67 fragmentos de VNI. Nesta área, a caracterização morfológica do VNI, especialmente na sequência estratigráfica do *Locus* L12 (Quadro 1 e Fig. 19 e 20), cujos níveis romano-republicanos (Cs. 2 e 3), de lixeira, se formaram a expensas da actividade desenvolvida no Fortim Ocidental, permite-nos propor para a C. 3 do *Locus* L12 (Subfase IIIA) a cronologia de 100±25 a.C., e para a C.2 (Subfase IIIB) a de 75±25 a.C.).

A composição do conjunto de VNI exumado dos *Loci* / Compartimentos R14, A11, T16, D14, B20 e F17, que confinam a nascente com aquele fortim, não apresenta substanciais diferenças relativamente ao repertório morfológico atrás referido o que permite propor para estes compartimentos a cronologia de finais do século II – primeira metade do século I a.C. A sustentar

Fabrico	Nível	Forma	Total frag.
Cales	2	L. 1	2
		L. 10	1
		L. 5	1
		L. 5/7	3
	3	L. 1	1
		L. 3	1
		L. 4	1
Cales Total			11
Camp-A	2	L. 27B	1
	3	L. 31	3
		L. 6- 36	1
Camp-A Total			5
"Circulo da B"	3	L. 1	1
		L. 5	1
"Circulo da B" Total			2
Total fragmentos			18

Quadro 1 - Chibanes. Fabricos e formas de VNI contextualizadas, do Locus L12.

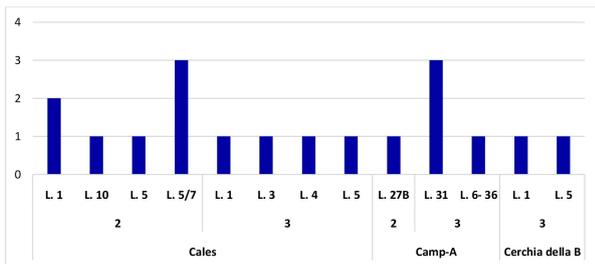


Fig. 19 - Chibanes. Fabricos e formas do VNI contextualizadas, do Locus L12.

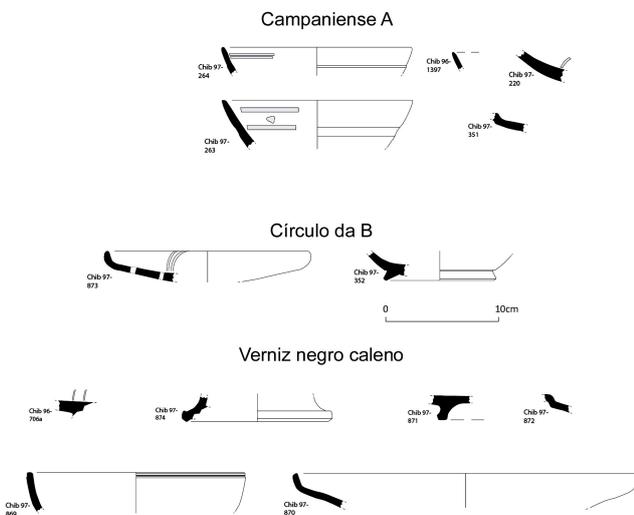


Fig. 20a - Chibanes IIIA (C.3). Desenhos de Vincenzo Soria.

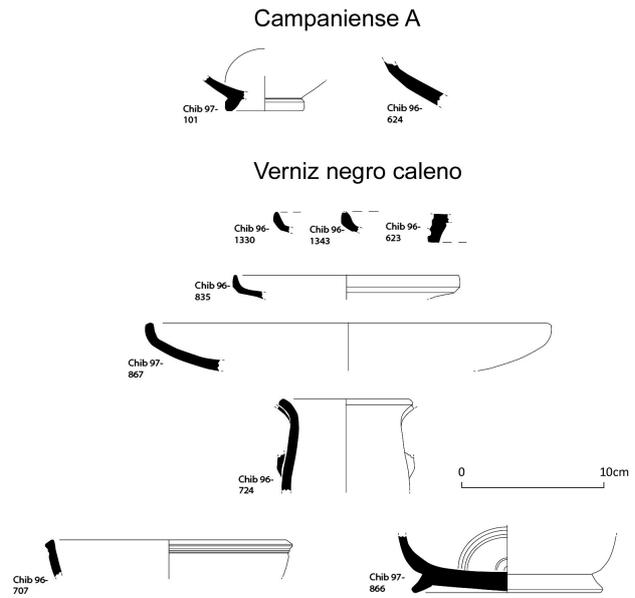


Fig. 20b - Chibanes IIIB (C.2). Desenhos de Vincenzo Soria.

esta proposta, foi reconhecida, na base do piso (C.2B) do Locus/Compartimento T16, da ocupação da Subfase IIIB, uma fossa contendo a seguinte associação de materiais: um bordo de taça L.1 calena, três fragmentos de bordo de taça L. 27 Bb em camp-A e uma lucerna (Fig. 21) de pasta cinzenta com vestígios de revestimento vitrificado negro acinzentado, de forma bitroncocônica, com decoração radial, cuja morfologia se aproxima do tipo G de Ricci (1973) afim do tipo Dressel 1B. Embora seja uma forma com uma distribuição cronológica ampla (130-30 a.C. para a estratigrafia de Albintimilium; Pavolini 1994: 83), foi sugerido centrar nos inícios do segundo quartel do séc. I a.C. a sua maior difusão (Ricci, 1973: 223). Contudo, verifica-se a sua presença numa deposição funerária em Glanum datada entre os finais do séc. II e a primeira metade do séc. I a.C. (Bemont e Lahanier, 1985). Uma outra baliza cronológica é oferecida para o limite superior pelos acampamentos numantinos, nos quais esta forma está ausente (Romero Carnicero, 1990) e para o limite inferior pelo acampamento de Cáceres El Viejo no qual a forma está presente,

embora sejam consideradas por Ulbert como produções da Bética ou importações da Narbonense (veja-se Puya Garcia, 1991: 219).



Fig. 21 - Chibanes. Lucerna afim do tipo G de Ricci (1973), exumada de fossa aberta na base do piso (C.2B) do *Locus*/ Compartimento T16. Foto de A. Coelho Soares.

A nível decorativo, o conjunto de VNI de Chibanes apresenta-se monótono. A maior parte das peças tem fundos decorados por círculos concêntricos incisos, por vezes intervalados por bandas em guilhoché, motivo que só aparece nos produtos calenos e da “Cerchia della B”. Detetou-se a presença de bandas brancas paralelas, no interior das quais surgem, por vezes, pequenas folhas pintadas nos bordos internos das taças L. 31 de produção neapolitana. É a ausência de alguns motivos decorativos, mais do que a presença, a caracterizar este conjunto de verniz negro itálico. A ausência de decorações impressas nos fundos da camp-A, como palmetas ou rosetas, é um indício de uma fase de produção tardia, na qual o repertório é extremamente estandardizado e simplificado. Por outro lado, a ausência de decorações em losango nos produtos calenos é um outro fator a destacar.

Observações conclusivas

O estudo do material exumado do sítio de Chibanes é fundamental para a compreensão das

dinâmicas de ocupação da Península de Setúbal e, de um modo geral, do processo de chegada de bens e objetos típicos do mundo itálico ao território atualmente português. A definição da fácies de VNI é importante na hora de estabelecer comparações entre sítios próximos e de definir os ritmos de importação em que as comunidades locais estiveram envolvidas. Os contextos apresentados revelam uma cronologia de finais do século II- primeira metade do século I a.C.

Artefactos metálicos

O conjunto de artefactos metálicos é composto por um número mínimo de 301 indivíduos provenientes dos contextos arqueológicos atribuíveis ao Período Romano-Republicano e também à Idade do Ferro. Estes contextos compreendem as Camadas 2, 3 e 4 da área residencial ocidental escavada em 2012-2017, apesar de um grande número de exemplares se encontrar descontextualizado por ter surgido na camada superficial (c. 30%).

Quanto à matéria-prima utilizada neste conjunto (Fig. 22), podemos aferir que a liga de cobre é maioritária (47%), sucedida pelo ferro (42%), chumbo (10%) e quatro exemplares de prata (1%). Apesar de 32% retratarem objetos não-categorizáveis, a restante amostra encontra-se dividida por 16 subcategorias (Fig. 23) das quais se destacam os complementos de artefactos de madeira (13%), os objetos de adorno (10%), os restos de transformação de ligas metálicas associadas à produção metalúrgica (6%), a baixela metálica (4%), os utilitários de pesca, de têxteis e os domésticos multiusos (com 4% cada), as armas e *militaria* (7%), bem como outros instrumentos utilitários como os de carpintaria (2%), os médico-cirúrgicos (2%), os de comércio

(2%), de segurança (1%), agroflorestais (1%) e de transporte (>1%).

Quanto às armas identificadas, podemos constatar que a totalidade se enquadra no armamento típico do Período Romano Republicano.

Apesar de ter sido encontrado na camada superficial, um dos elementos de maior destaque é o de uma empunhadura de liga de cobre de um punhal de antenas de “*tipo Santa Trega*” com lâmina de ferro (Fig. 24, n.º 1).

Estes punhais de antenas, ligados ao mundo continental, e estritamente relacionados com os castros galaico-lusitanos, são considerados achados raros em contextos meridionais. No território hoje português, as espadas e punhais de antenas circunscrevem-se apenas aos contextos de necrópoles, em especial a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) que se apresenta como o local com maior incidência de espadas e punhais de antenas. Já em contextos de povoado, estes objectos restringem-se à região da actual Galiza e apresentam cronologias bem mais recentes, continuando a utilizar a liga de cobre nas empunhaduras e a introdução do ferro nas lâminas.

As duas subfases (IIIA e IIIB) da ocupação romano-republicana forneceram *glandes plumbeae* produzidas segundo duas técnicas distintas: por forjadura e por fundição em molde bivalve (Fig 24, nº3). Estes projéteis de funda têm sido considerados um dos principais elementos

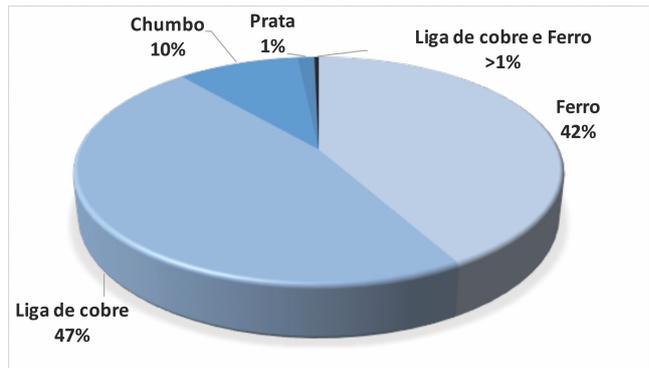


Fig. 22 - Chibanes. Matéria - prima dos artefactos metálicos.

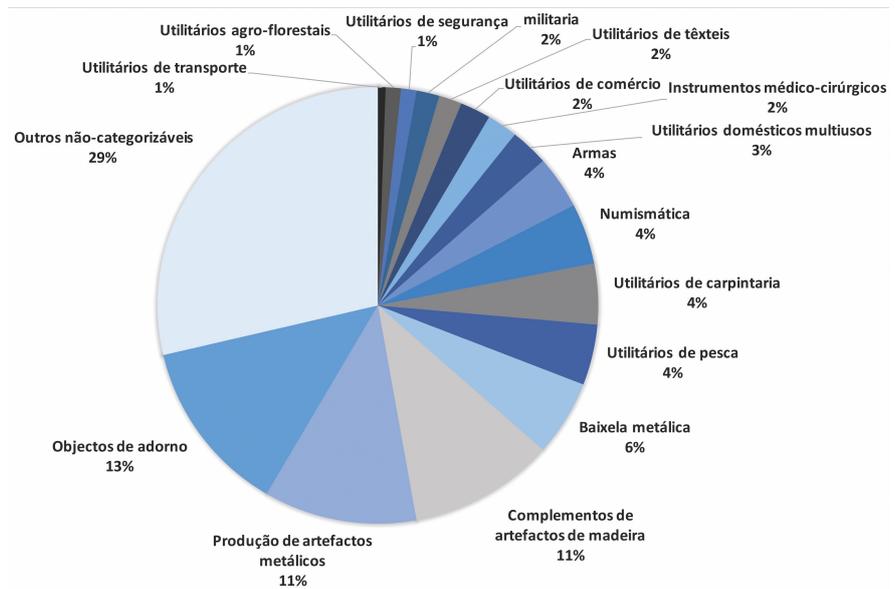


Fig. 23 - Chibanes. Categorias funcionais dos artefactos metálicos.

aliados à presença de tropas militares auxiliares não-hispanas (Quesada Sanz, 2008: 17) que surgem em contextos peninsulares em três momentos distintos: na conquista (século II a.C.), guerras sertorianas (1.º quartel do século I a.C.) e guerras cesarianas (meados do século I a.C.) (*idem*, 1997: 476).

Da Subfase IIIA, contamos ainda com a presença de um *pilum* ligeiro de ferro (Fig 24, nº6) e de uma ponta de lança também de ferro. Estes *pila* ligeiros, por oposição aos elementos pesados de aba, seriam utilizados pelas tropas auxiliares no século II a.C., nos acampamentos numantinos (Bishop e Coulston, 1993: 51 [Fig. 21, I e 6]); no

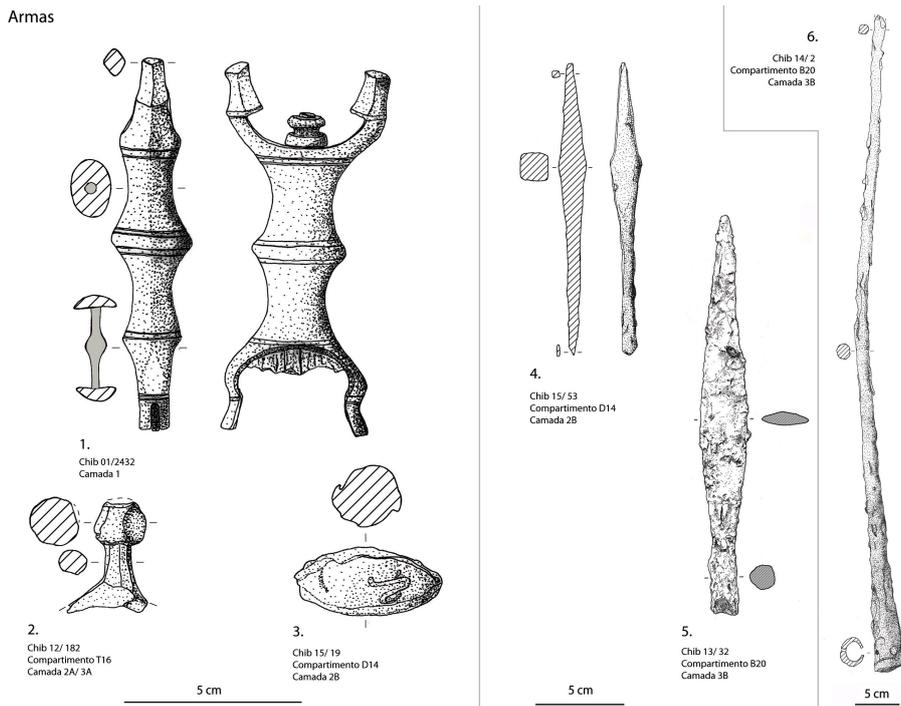


Fig. 24 - Chibanes. Armas associadas à ocupação militar/ militarizada: 1. Empunhadura de liga de cobre de punhal de antenas de tipo *Santa Trega*, que conserva fragmento de lâmina de ferro; 2. Botão terminal de capacete de ferro de tipo *Buggenum*; 3. Projétil de funda (*glans plumbea*) de chumbo obtido por molde bivalve; 4. Ponta de dardo de ferro de perfil piramidal de provável utilização na artilharia de torção (projétil de *ballista*?); 5. Ponta de lança de ferro de perfil em folha de loureiro; 6. Fragmento de *pilum* ligeiro de ferro com alvado. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

contexto das guerras sertorianas em *Valentia* (Quesada Sanz, 2008: 14), Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984 [Tafel 24, n.º 187-194]); e no primeiro terço do século I a.C. em La Caridad de Caminreal (Álvarez Arza e Cubero Argente, 1999: 137), enquanto em *Urso* (Sevilha) (Quesada Sanz, 2008: 14 [Fig. 4]) surgem apenas os modelos mais ligeiros com e sem alvado.

A ponta de lança de ferro apresenta uma lâmina em forma de folha de loureiro e uma secção lenticular, bem como um alvado de encabamento (Fig. 24, n.º 5). Estas armas hasteadas são muito comuns em contextos do século I a.C. como Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984 [Tafel 24, n.º 181-183]), Conímbriga (Alarcão *et al.*, 1979 [pl. XVII, n.º 2]) e também em *Urso* (Sevilha) (Quesada, 2008: 15 [Fig. 5B]), Numância e Alésia onde ocorrem em contextos cesarianos (Ulbert, 1984: 105).

Provavelmente associado à passagem entre a primeira e a segunda fase de ocupação do Período Romano Republicano, surge um fragmento de provável botão terminal biconico de capacete de tipo *Buggenum* (Fig. 24, n.º 2). Este fragmento diz respeito a um capacete de ferro que encontra paralelo em um contexto sertoriano identificado em La Libisosa (Lezuza, Albacete) (Uróz Rodríguez, 2012: 301) e que se encontra datado do primeiro quartel do século I a.C.

Na camada 2B do compartimento D14 surgiu uma ponta de dardo de ferro de cabeça perfurante piramidal maciça e com espigão de encabamento, que poderá representar um projétil de *ballista* associado à artilharia de torção (Fig. 24, n.º 4). Este tipo de arma encontra-se identificado em Cabeça de Vaiamonte (Monforte) (Pereira, 2018: 136 e Est. 19) e também no acampamento militar numantino de Renieblas (Luik, 2002: 354 [Abb. 188, n.º 182]).

Quanto aos elementos de *militaria*: dois são referentes a arreios de cavalo – um botão de arreo de liga de cobre, da Subfase IIIA, e um agrafio de rédeas de ferro, de nível da Subfase IIIB; e ainda um fragmento de eixo e placa de liga de cobre de um possível *cingulum*. Este fragmento de possível placa-dobradiça de cinturão de liga de cobre apresenta uma decoração em baixo-relevo em forma de

triângulos preenchidos por seis besantes, em tudo semelhantes àqueles que foram identificados nas placas-dobradiças identificadas em Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2018: 150 [Est. 131 - n.º 1]) e ainda em uma placa proveniente do acampamento numantino de Renieblas (Luik, 2002 [Abb. 79 - C57]).

Os objetos de adorno, especialmente as fíbulas, podem contribuir para algumas afinações cronológicas. No caso de Chibanes, observa-se uma padronização latente nos modelos adotados e que se restringem exclusivamente aos tipos: anular hispânica, representada apenas por dois exemplares descontextualizados, provenientes da camada superficial; *Schüle 4h*, com quatro exemplares distribuídos equitativamente por níveis das Subfases IIIA e IIIB (Fig. 25, n.º 1 e 2); *tipo Ponte 36*, também designado “*pseudo-La Tène II*” (Fig. 25, n.º 3), que oferece um total de cinco exemplares transversais às Subfases IIIA e IIIB; *tipo Nauheim* (Fig. 25, n.º 5), com dois exemplares, da Subfase IIIB, bem como um fragmento de *variante de Nauheim*, também designado por “*tipo Cáceres el Viejo*”, e que surgiu desprovido de contexto; e um exemplar de “*knotenfibeln*”/ *Ponte 38* também da Subfase IIIB (Fig. 25, n.º 4). A leitura cronológica que este conjunto nos permite elaborar baseia-se não só nas presenças aferidas, como também, especialmente, nas ausências que se registam,

nomeadamente através da fraca incidência das fíbulas de tipo anular hispânica associáveis a uma ocupação sidérica que poderá coincidir com a chegada dos contingentes militares romanos, bem como a inexistência de modelos associados a momentos posteriores a 60 a.C. como as fíbulas anulares romanas, *Alèsia* ou *Aucissa*.

Chibanes revela assim uma efectiva padronização dos modelos de fíbulas empregues pela sua população e que parecem demonstrar o seu carácter militar/ militarizado – com a presença das fíbulas de tipo *Nauheim* que ali aportam através dos contingentes militares, mas também com os modelos latenianos de tipo *Ponte 36a* e *Schüle 4h*.

Objectos de adorno

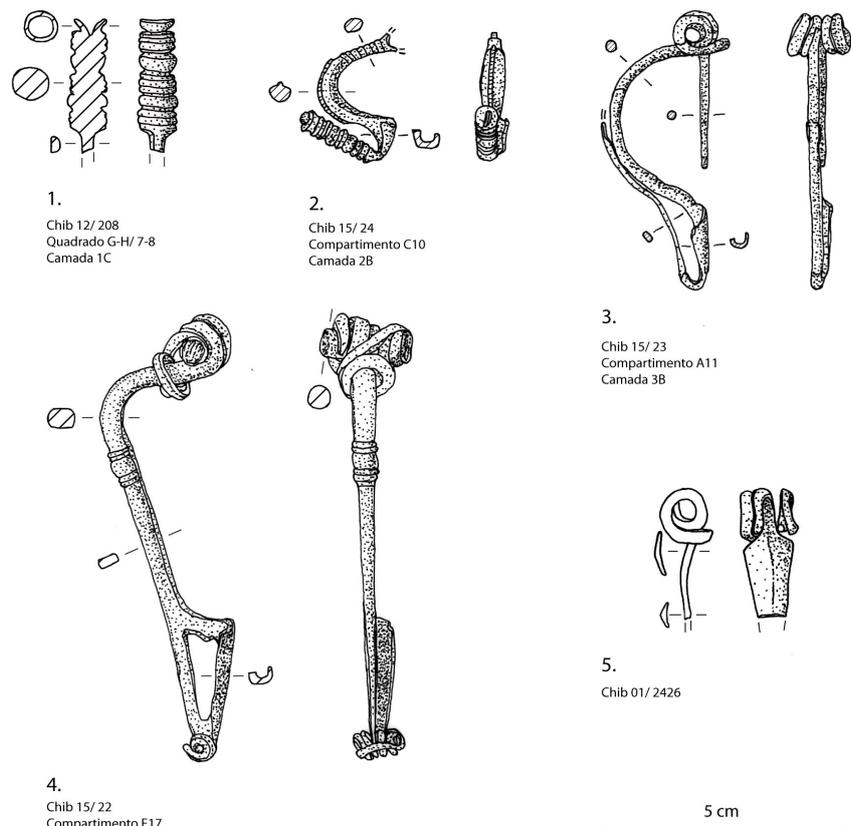


Fig. 25 - Chibanes. Objectos de adorno. 1 - Fragmento de apêndice caudal de fíbula de liga de cobre de tipo *Schüle 4h* com remate em campânula; 2. Fíbula de liga de cobre de tipo *Schüle 4h*, tipo 1 de Miguez; 3. Fíbula de liga de cobre de tipo *pseudo La Tène II*/ *Ponte 36a*; 4. Fíbula de liga de cobre de tipo *Ponte 38*; 5. Fragmento de fíbula de tipo/ variante de *Nauheim* de liga de cobre, mola de quatro espiras de corda interior ao arco de secção triangular. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

A concentração das fíbulas de tipo *Ponte 36* em território gaulês permitiu a Michel Feugère (1985) atribuir a este território a origem deste modelo.

Em Chibanes encontramos essencialmente os modelos mais arcaicos, de corda exterior ao arco (Fig. 25, n.º 3), e que surgem contextualizados nas duas fases do Período Romano Republicano.

O modelo que sucede a este tipo de fíbulas filiformes elaboradas por forjadura caracteriza-se pelo seu arco maciço obtido “por meio da cera perdida” (Ponte, 2006: 317), cujo ombro (topo do arco) mostra uma decoração estilizada e moldurada que imita os remates decorativos de La Tène II que agora se fundem ao arco (modelos do período final de La Tène) e que permitiram a designação como “fíbulas de nó” (do alemão *knottenfibeln*). A placa de descanso oferece um perfil triangular e univazado, terminando os modelos peninsulares em um pé em botão, que não ocorre nos restantes exemplares europeus. A mola bilateral apresenta geralmente quatro a doze espiras e é de corda interior ou exterior ao arco. O exemplar de Chibanes (Fig. 25, n.º 4), bem como os exemplares de Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2018: 230-233 [Est.91, n.º 11-13]) e Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984 [Taf. 8-29]) deverão corresponder a imitações dos modelos de tipo *Novo Vas* que apresentam cronologias entre 100 e 70 a.C. e uma produção associada ao nordeste da Península Itálica que assistiu a uma difusão aparentemente limitada (Pereira, 2018: 230-233). Este poderá assim tratar-se de um modelo que surge com a chegada dos contingentes militares itálicos.

Os modelos de Nauheim também se encontram bem representados neste sítio arqueológico, especialmente o tipo *Feugère 5a1*, cujo arco possui um perfil triangular liso; assiste à mesma

popularidade em Cabeça de Vaiamonte (10 exemplares – Pereira, 2018: 235 [Est.92, n.º 6-16]) e nos conjuntos do acampamento de Cáceres el Viejo (6 exemplares – Ulbert, 1984 [Taf. 7 e 8 n.º 11-13 e 23-25]) ou no acampamento numantino de Renieblas (2 exemplares – Luik, 2002 [Abb. 166, n.º 12 e 13]). Estas fíbulas de liga de cobre, de mola de quatro espiras de corda interior ao arco, apresentam uma difusão cujo epicentro parece ser a região do Languedoque (Feugère, 1985: 223), a antiga Gália Narbonense, sendo que, cronologicamente, se situam entre o último quartel do século II a.C. e meados do século I a.C. (Feugère, 1985: 225). Há ainda que referir a existência de pelo menos um exemplar que retrata uma variante local / regional deste tipo. Trata-se de uma fíbula de perfil incompleto cujo arco se apresenta profusamente decorado, com recurso a três linhas de *grènetis* idênticas às que apresenta o tipo *Feugère 5a21*.

Para além destes elementos que nos falam da chegada de Roma, outras duas sub-categorias podem ser intimamente relacionadas com o processo de conquista romana, uma vez que no panorama peninsular, tanto a baixela metálica tardo-republicana, quanto os instrumentos médico-cirúrgicos parecem ter chegado naquele momento.

No que se refere à baixela, foram identificados nove fragmentos que apontam para a presença de sítulas, coadores/raladores e *simpula* de liga de cobre. Um dos contextos onde encontramos a maior concentração destes achados diz respeito à C. 2 do Quadrado LI2 (Sector IV), Subfase IIIB, de onde se exumaram: um suporte de recipiente em forma de valva de bivalve, um bordo interno de um *simpulum* de tipo indeterminado e ainda um bordo de uma concha de *simpulum* ou de um jarro bitroncocónico. Estes elementos de baixela encontram-se bem documentados em contextos

peninsulares e gauleses entre 120 e 50 a.C., encontrando paralelos por entre os conjuntos artefactuais do provável estabelecimento militar de Cabeça de Vaia Monte (Monforte) (Pereira, 2018: 304), no acampamento de Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984) ou ainda no Castelo da Lousa (Mourão) (Ruivo, 2010), só para dar alguns exemplos de contextos provavelmente relacionadas com ocupações dos períodos das guerras sertorianas e cesarianas. Os instrumentos médico-cirúrgicos, apesar de não representarem uma grande variedade formal, ocorrem sob a forma de quatro sondas: duas sondas raspadeiras provavelmente utilizadas em cirurgia oftalmológica e duas sondas espatuladas (*spathomele*) que poderiam ter diversas utilizações. Todos estes instrumentos se

apresentam relacionados com as Subfases IIIA e IIIB.

Assim, e para além das categorias que de facto espelham a chegada de elementos forâneos, outras são aquelas que permanecem transversais a vários períodos e que demonstram a continuidade de adopção de alguns utilitários como por exemplo os que representam as actividades agro-florestais, de carpintaria (Fig. 27) ou piscatórias (Fig. 26).

Utilitários de pesca

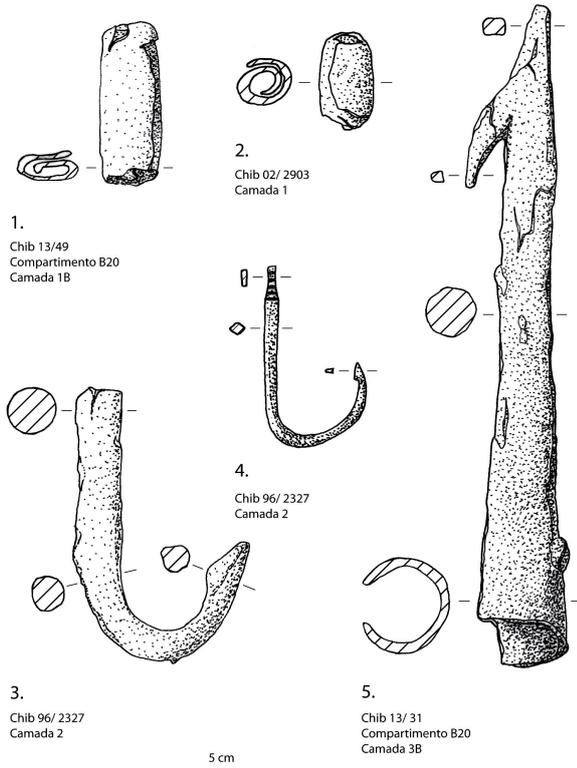


Fig. 26 - Chibanes. Utilitários de pesca. 1. Peso de rede de chumbo de perfil oblongo; 2. Peso de rede de chumbo de perfil ovóide; 3. Anzol de ferro de média dimensão e barbeta triangular; 4. Anzol de liga de cobre com barbeta e ranhuras para empate da linha; 5. Arpão de ferro com alvado de encabamento. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

Utilitários de carpintaria e agro-florestais

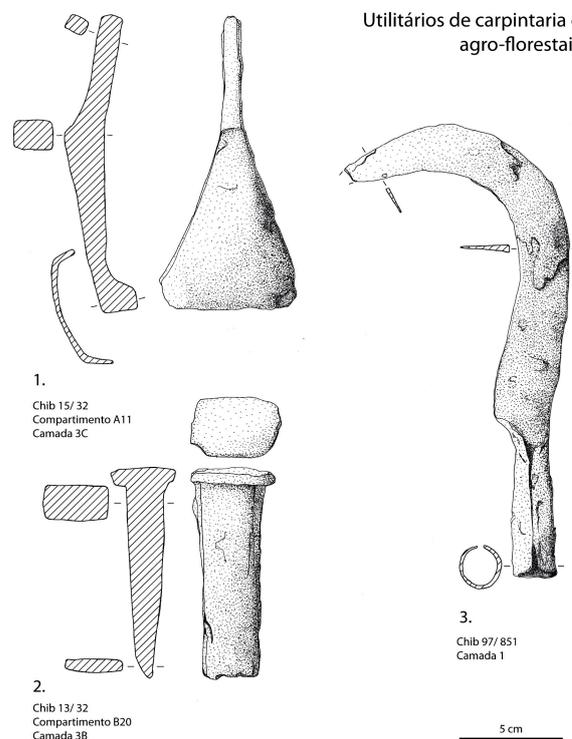


Fig. 27 - Chibanes. Utilitários agro-florestais e de carpintaria. 1. Goiva de ferro com espigão de encabamento; 2. Cunha de ferro; 3. Foice de ferro com alvado circular para encabamento. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

Considerações Finais

As intervenções arqueológicas realizadas pelo MAEDS no Castro de Chibanes, entre 2012 e 2017, permitem salientar os seguintes aspectos:

- (1) A ocupação humana de Chibanes, como já havia sido assinalado nas anteriores

campanhas e agora foi amplamente confirmado, reparte-se por três grandes fases: a do Calcolítico-Bronze inicial (Fase I); a da II Idade do Ferro (Fase II); a do Período Romano Republicano (Fase III).

- (2) Identificou-se uma nova muralha do III milénio a.C. (M. IX) pela descoberta, no *Locus* T16, de um troço provido de contraforte. Desta muralha partiria, para sul, a M. V, da qual arrancaria, para oeste, a M. IV que acabaria por inflectir também para sul e que distaria da agora exumada cerca de 5m. Assim, a extremidade ocidental do povoado calcolítico seria defendida por, pelo menos, três linhas de muralhas.
- (3) A ocupação sidérica, revelou, uma vez mais, organizar-se espacialmente através de compartimentos de planta rectangular, contíguos, construídos a partir e ao longo da M. III de contorno arciforme, com muros formados, na base, por blocos de calcarenito ligados por argila, e, na parte superior, provavelmente, por adobes e/ou taipa; a cobertura seria de natureza vegetal talvez associada a argila; os pisos, de argila batida, integravam lajes de calcarenito dispersas, bem comolareiras de dois tipos, constituídas por fragmentos de cerâmica dispostos horizontalmente e cobertos por nível de argila com acção de fogo (as mais frequentes); delimitadas por pequenos esteios de calcarenito. Esta ocupação da II Idade do Ferro tardia poderá ser atribuída ao século III a.C..

A par de uma componente de raiz mediterrânea surgem alguns elementos cerâmicos indicativos de influências celtizantes, como a cerâmica estampilhada, oferecendo similitudes com a de Miróbriga (Soares e Tavares da Silva, 1979).

- (4) De acordo com a cronotipologia dos materiais já estudados, de que destacamos a cerâmica de verniz negro itálico, a fase de ocupação romano-republicana é datável dos finais do século II e da 1ª metade do século I a.C. Durante este período, que se divide em duas subfases, são edificados dois tipos de arquitectura. Um é caracterizado por compartimentos de planta rectangular, com funções aparentemente habitacionais; eram contíguos e construídos a partir da “Muralha” II – um muro que delimitava a área residencial, seguindo o cume das encostas norte e noroeste. Estes compartimentos, que integravam o povoado propriamente dito, possuíam os muros, a cobertura, os pisos e aslareiras como os da ocupação da Idade do Ferro. Nota-se, porém, uma inovação em relação às habitações desta fase até agora escavadas: as da ocupação do Período Romano Republicano possuem, muito frequentemente, poiais adossados às paredes.

O outro tipo de arquitectura é de carácter nitidamente militar. Mostra uma técnica construtiva mais regular do que a do povoado propriamente dito; consiste em um recinto muralhado de planta subtrapezoidal e muralhas rectilíneas, que se adossou à extremidade poente do povoado e é guarnecido por duas torres rectangulares que defendiam a entrada aberta ao acesso pela crista da Serra do Louro. A data de fundação desta fortificação parece ser coincidente com a da área residencial, visto a baliza cronológica superior da cerâmica de verniz negro itálico recolhida na lixeira dessa fortificação (*Locus* LI2) ser idêntica à da área residencial, ou seja, situar-se nos finais do século II a.C.

- (5) A ocupação da fase romano-republicana divide-se em duas subfases. Na subfase mais antiga (IIIA), são construídos grandes

compartimentos ou edifícios contíguos, ao longo da M. II. Pouco segmentados, ofereciam uma ou mais lareiras. Na subfase mais recente (IIIB), parece assistir-se ao abandono da função militar do Fortim Ocidental, que é então segmentado em diversos compartimentos providos de lareiras e, por vezes, de poiais; os níveis de lixeira (*Locus* LI2) que lhes correspondem são muito ricos em subprodutos de actividades domésticas e o estudo arqueofaunístico revelou para esta subfase uma maior estabilidade relativamente à precedente, com maior incidência de criação de gado bovino (Detry, Tavares da Silva e Soares, 2017). Por outro lado, os edifícios da área habitacional são igualmente segmentados em vários compartimentos que, contudo, apresentam as mesmas características construtivas (muros, pavimentos, lareiras, poiais, cobertura) da subfase anterior.

- (6) Devemos salientar o facto de o que designámos por “Muralha” II, construída na Subfase IIIA, não passar de um simples muro que possuía apenas a função de delimitar o povoado e não de o defender, ao contrário do que sucedera quer no Calcolítico quer na II Idade do Ferro, em que foram construídas verdadeiras muralhas destinadas a defender as encostas norte e noroeste, as de mais fácil acesso.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert; ALARCÃO, Adília; PONTE, Salette da (1979). *Fouilles de Conimbriga VII: Trouvailles diverses. Conclusions générales*. Paris: Mission Archéologique Française au Portugal/ Museu Monográfico de Conimbriga.
- ÁLVAREZ ARZA, Ramón; CUBERO ARGENTE, Manuel (1999). Los Pila de lo poblado ibérico de Castellruf. *Gladius* (Madrid), 19, pp. 121-142.
- BÉMONT, Colette; LAHANIER, Christian (1985). Lampes tardo-républicaines á Glanum: essai de détermination typologique et physico-chimique. *RANarb - Revue archéologique de Narbonnaise*, 18, pp. 221-261.
- BISHOP, Michael C.; COULSTON, John C. N. (1993). *Roman Military Equipment. From the Punic Wars to the Fall of Rome*. Londres.
- CARREIRA, Júlio M. Roque (1998). A Ocupação da Pré-história Recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM* (Lisboa), 3-4, pp. 123-213.
- CIBECCHINI, Franca; PRINCIPAL, Jordi (2004). Perchisuona la campana B? In Eric de Sena;, Hélène Descales (coords.) *Archaeological Methods and Approaches: Ancient Industry and Commerce in Italy* (Rome, April 18-20, 2002). Oxford: British Archaeological Reports (BAR international series 1262), pp. 159-172.
- CLEMENTE CONTE, Ignacio; MAZZUCCO, Niccolò; SOARES, Joaquina (2014). Instrumentos para siega y procesado de plantas desde el Calcolítico al Bronce antiguo de Chibanes (Palmela, Portugal). *Trabajos de Prehistoria* (Madrid), 71:2, pp. 330-342.
- COELHO, Manuela Dias (2014). A fauna malacológica da ocupação calcolítica do Castro de Chibanes. *Setúbal Arqueológica* (MAEDS), 15, pp. 181-200.
- COSTA, António Inácio Marques da (1908). Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Idade Eo-metallica (ou do cobre ou bronze primitivos). *O Archeologo Português*, 13:7-12, pp. 270-283.
- COSTA, António Inácio Marques da (1910). Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Idades do Bronze e do Ferro no Castro de Chibanes. *O Archeologo Português*, 15, pp. 55-83.
- DETRY, Cleia; TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (2017). Estudo zooarqueológico da ocupação romano-republicana do Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 20, pp. 113-127.
- FARIA, António Marques de (1992). Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca* (Aljustrel), 1, pp. 39-48.
- FEUGÈRE, Michel (1985). Les fibules en Gaule Méridionale, de la conquête à la fin du Ve s. ap. J.-C. *Revue Archeologique de Narbonnaise (Supplément 12)*. Paris: Éditions C.N.R.S.
- LUIK, Martin (2002). *Die Funde aus den Römischen Lagern um Numantia in Römisch-Germanischen Zentralmuseum. Römisch-Germanischen Zentralmuseum*. Mainz. Alt.31.
- PAVOLINI, Carlo (1994). Lucerne italiche tardo-repubblicane. In T. Hackens (coord.) *Ancient and traditional ceramics*. Rixensart. (Pact, 40), pp. 77-88.
- PEDRONI, Luigi (1986-1990). *Ceramica a vernice nera de Cales*. Napoli. 1-2.
- PEDRONI, Luigi (2001). *Ceramica calena a vernice nera. Produzione e diffusione*. Napoli: Petruzzzi.
- PEREIRA, Teresa Rita (2018). *O papel do exército no processo de romanização. A Cabeça de Vaiamonte (Monforte) como estudo de caso*. Tese de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, Vera; SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos (2017). Understanding the First Chalcolitic Communities of Estremadura: Zooarchaeology of Castro de Chibanes, Portugal. Preliminary Results. *Papers from the Institute of Archaeology*, 27:1, pp. 1-11.
- PONTE, Salette da (2006). *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-históricas e Romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.
- PUYA GARCIA DE LEANIZ, Miguel (1991). Lucernas del Museo Arqueológico de Sevilla: A. Lucernas Tardo-Republicanas. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte*

y *Arqueología* (BSAA, 57). Valladolid: Universidad de Valladolid, pp. 215-239.

QUESADA SANZ, Fernando (1997). *El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-I a.C.)*. Montagnac: Éditions Mónica Mergoil.

PONTE, Fernando (2008). Armamento romano e ibérico em Urso (Osuna): testimonio de uma época. *Cuadernos de los amigos de los Museos de Osuna*. Sevilla: Padilla Libros (10), pp. 13-19.

RIBEIRO, Orlando (1937). Arrábida. Esboço geográfico. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 4:1-2. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 51-131.

RICCI, Marina (1973). Per una cronologia delle lucerne tardo-repubblicane. *Rivista di Studi Liguri*, 39, pp. 168-234.

ROMERO CARNICERO, Maria Victoria (1990). Lucernas republicanas de Numancia y sus campamentos. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* (BSAA, 56). Valladolid: Universidad de Valladolid, pp. 257-296.

RUIVO, José (2010). Capítulo 7.9 “Espólio metálico”. In Jorge de Alarcão; Pedro C. Carvalho; Ana Gonçalves (coord.) *Castelo da Lousa - Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. (Studia Lusitana, 5). Mérida: Museu Nacional de Arte Romano, pp. 481-517.

SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos (1979). Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica* (MAEDS), 5, pp. 159-184.

TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (1997). Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais* (6) Lisboa: Instituto Oriental, pp. 33-66.

TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (2012). Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao séc. I a.C.. In Isabel Fernandes; Michelle Santos *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Inter-estuarina Sado-Tejo*. Palmela: Município de Palmela, pp. 67-87.

TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (2014). O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio AC na Estremadura. *Setúbal Arqueológica* (MAEDS), 15, pp. 105-172.

TERESO, João Pedro (2014). Vestígios arqueobotânicos do III milénio cal BC de Chibanes (Palmela, Setúbal). *Actas do II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa*. Setúbal: MAEDS (*Setúbal Arqueológica*, 15), pp. 173-180.

ULBERT, Gunter (1984). Cáceres el Viejo. Ein spätrepublikanisches Legionnlager in Spanisch-Extremadura. *Madridier Beiträge* (11). Mainz am Rhein.

URÓZ RODRÍGUEZ, Héctor (2012). *Prácticas rituales, iconografía vascular y cultura material en Libisosa (Lezuza, Albacete)*. *Nuevas aportaciones al Ibérico Final de Sudeste*. Alicante: Universidade de Alicante.